

RECENSÃO CRÍTICA

MANUEL ANDRADE E SOUSA, *DONA CATARINA INFANTA DE PORTUGAL RAINHA DE INGLATERRA*, LISBOA, EDIÇÕES INAPA, COM O PATROCÍNIO DE MARCONI COMUNICAÇÕES GLOBAIS, 1994.

Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco

Paralelamente à sua intensa e prolixa actividade na divulgação e evocação da figura de D. Catarina de Bragança, a Infanta portuguesa que se tornou Rainha de Inglaterra, surgiu em finais de 1994 o livro de Manuel Andrade e Sousa *D. Catarina Infanta de Portugal Rainha de Inglaterra*. Publicada pela Inapa, trata-se de uma obra apresentada ao público com duas versões: uma portuguesa e outra inglesa — *Catherine of Braganza Princess of Portugal Wife of Charles II* — distribuída nos EUA pela Howel Press e lançada em Nova Iorque numa recepção organizada pela *American Portuguese Society*.

Nunca é demais recordar uma figura como D. Catarina de Bragança, personalidade que merece inegavelmente um destaque particular no âmbito das relações anglo-portuguesas: o seu contributo para a renovação das mesmas é indubitável, salientando-se o seu papel como «construtora da independência», expressão do historiador Eduardo Brazão, ⁽¹⁾ ao ser protagonista da aliança de casamento que, com o Tratado de Paz de 23 de Junho de 1661, uniu Portugal a Inglaterra.

Este Tratado significou mais do que a simples renovação da velha aliança política entre Portugal e a Inglaterra. Segundo Charles Boxer, pode afirmar-se que o casamento de Charles II com D. Catarina «with all its ups and downs, symbolises both the vicissitudes and the enduring nature of the Anglo-Portuguese connection». ⁽²⁾ Numa época em que o sistema de casamentos era uma forma natural e segura de

⁽¹⁾ Ver Eduardo Brazão, *A Diplomacia Portuguesa dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Editorial Resistência SARL, 1980, p. 129.

⁽²⁾ Charles Boxer, "Vicissitudes of Anglo-Portuguese Relations in the 17th Century" in *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa. 600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*, Editado pelo Governo Britânico, em associação com a British Broadcasting Corporation e com a Canning House, s. d., p. 30

alianças entre os estados, esta união constituiu um acontecimento de grande alcance internacional no séc. XVII: resultou de um conjunto de conversações diplomáticas e de uma enredada intriga política que ultrapassou as fronteiras de ambos os países e reuniu características que lhe deram «foros de sensacional». (3) Apesar de uma certa contestação ou impopularidade de que foi alvo desde a sua concepção, o casamento traduziu-se também em compensações de grande alcance para ambos os países — à Inglaterra proporcionou, para além de muitos benefícios e vantagens financeiras, a praça de Tânger e a ilha de Bombaim, que se revelou a jóia da coroa britânica no Oriente; a Portugal assegurou definitivamente com o auxílio das tropas inglesas a soberania e a independência. No âmbito deste intercâmbio diplomático, D. Catarina surge, por um lado, como um peão no jogo internacional do século XVII e um instrumento das alianças entre casas reais, mas também como uma figura histórica individualizada que, ao abdicar conscientemente da vontade própria em grande parte da sua vida, serviu com todas as vantagens e desvantagens a causa de Portugal. (4)

A presença de uma Rainha portuguesa no trono da Grã-Bretanha, para além de significar a renovação da aliança e a intensificação das relações políticas e económicas entre ambos os países, estimulou um surto de interesse por um país ainda imperfeitamente conhecido e pela sua língua e literatura, aspecto que por vezes se tem minimizado. Surgem por esta altura algumas traduções para inglês de obras de autores portugueses, histórias de Portugal em língua inglesa, publicam-se gramáticas anglo-portuguesas, para além de algumas obras que lhe foram dedicadas e um amplo conjunto de textos que sobre ela se escreveram desde o séc. XVII até aos nossos dias, da lírica ao romance histórico, da sátira à biografia, que revelam o interesse do olhar inglês pela pessoa desta Rainha de Inglaterra e, por ela, um interesse por Portugal.

Todos estes aspectos, e muitos outros, têm suscitado o interesse de Manuel Andrade e Sousa, autor da mais recente biografia de D. Catarina de Bragança e um verdadeiro apaixonado por estes temas. Natural de Lisboa, nasceu em 1960, e é o presidente e fundador da Associação *Friends of Queen Catherine*, uma organização sem fins lucrativos criada em 1989 e com sede em Nova Iorque. Esta associação, inspirada numa ideia pioneira e de grande alcance do Eng. Nuno Krus Abecassis, promove o facto de Queens, o maior dos cinco

(3) Theresa M. Schedel de Castello Branco, "D. Catarina de Bragança, Rainha e Mulher" in *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, n.º 46/47, IV Série, Lisboa, Setembro de 1973, p. 57. Ver também Charles Boxer, "The Anglo-Portuguese Marriage Treaty of 1661" in *History Today*, II, n.º 8, London, Aug. 61, pp. 556-563.

(4) D. Catarina foi uma mediadora das relações anglo-portuguesas na aceitação do casamento e no favorecer da aliança. Sobre as características da personalidade da Infanta, o modo e a vontade com que desempenhou o papel de Rainha de Inglaterra, veja-se o artigo já citado de Theresa M. S. C. Branco.

boroughs da cidade, dever o nome a D. Catarina de Bragança, ⁽⁵⁾ aspecto por vezes desconhecido ou esquecido por americanos e portugueses.

Dando continuidade a um acontecimento como a exposição comemorativa do 350.º aniversário do nascimento da Infanta, que se pôde visitar em 1988 em *Queens Museum*, um dos muscus de Nova Iorque, várias têm sido as iniciativas, verdadeiramente inovadoras, desta associação, contribuindo dessa forma para «um estreitamento dos laços culturais entre *Queens* e Portugal», afirma o autor, e um maior conhecimento e divulgação desta rainha dos ingleses de origem portuguesa. Para além de exposições, concertos, jantares de gala, entre outras actividades, destaca-se, sem dúvida, o projecto em curso de construção de uma estátua de D. Catarina de Bragança, objectivo principal e imediato da associação, à qual se uniram várias entidades e personalidades, entre elas Claire Shulman, presidente do *borough* de *Queens* e que permitirá, segundo Manuel de Andrade e Sousa, «perpetuar a presença de D. Catarina na grande metrópole de Nova Iorque». O monumento à Rainha, em fase de construção pela escultora Audrey Flack, terá dez metros de altura e será o segundo maior de Nova Iorque. Devendo estar concluída em 1998, ano em que se celebra o centenário da formação da cidade com os cinco *boroughs*, a estátua situar-se-á num terreno oferecido pelos EUA, em East River, na urbanização de *Queens West*, na margem oposta à do edifício das Nações Unidas. A maquete de 3 metros de altura, uma escultura em bronze que corresponde a uma das várias fases deste projecto já realizada, estará presente em Lisboa na Expo' 98, como mais um sinal visível dos elos culturais e de amizade entre Portugal e os EUA. ⁽⁶⁾

A presente obra, à semelhança de outras narrativas biográficas sobre D. Catarina de Bragança como as de Silva Tullio, ⁽⁷⁾ Virgínia Rau, ⁽⁸⁾ Augusto Casimiro, ⁽⁹⁾ entre outras, faz o relato da história pessoal da Infanta, compondo-se de pequenas secções, todas elas subtituladas, que de uma forma sintética correspondem a uma série de momentos essenciais na história da Rainha. Ao retratar essas etapas, o autor vai simultaneamente abarcando uma série de conteúdos que, naturalmente, se desenvolvem dentro delas: história pessoal, psicologia, cultura, plano social, plano político, espiritualidade, etc.

⁽⁵⁾ Após a conquista da cidade de New Amsterdam aos holandeses pela armada de James, Duque de York, irmão de Charles II, este mudou o nome da cidade para New York homenageando dessa forma o irmão. A uma das áreas mais próximas da cidade chamou *King's County* e, em 1683, refere Manuel Andrade e Sousa, «em homenagem à sua esposa, D. Catarina, deu o nome de *Queens County* a uma outra área dos arredores da cidade» (cf. *op. cit.*, p. 106), tornando-se um dos doze *counties* da província de NY e posteriormente um importante *borough* da cidade.

⁽⁶⁾ Comunicação pessoal gentilmente facultada pelo Eng. Nuno Krus Abecassis.

⁽⁷⁾ Ver "D. Catharina de Bragança" in *Archivo Pittoresco*, XI, 60, 1868.

⁽⁸⁾ Ver *D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra* in *O Instituto*, Coimbra, 1941.

⁽⁹⁾ Ver *Dona Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra, Filha de Portugal*, Lisboa, Fundação Casa de Bragança, 1956.

Abrindo com uma breve introdução, Manuel Andrade e Sousa define os seus objectivos e simultaneamente anuncia aquilo que é verdadeiramente o elemento caracterizador e inovador desta biografia: «Relembrar a vida e a imagem de D. Catarina de Bragança é o que se pretende nesta obra, a primeira biografia ilustrada editada sobre a soberana».

É desde logo importante sublinhar a existência de várias biografias da Rainha, algumas já mencionadas, em língua portuguesa, e, também, em língua inglesa, ⁽¹⁰⁾ todas elas apresentando pouco mais de uma dezena de gravuras, em geral reproduzindo a título de curiosidade algumas das personalidades da corte em que D. Catarina se movia; paralelamente, existem também alguns estudos dedicados exclusivamente à recolha e investigação de iconografia e medalhística com ela relacionados. ⁽¹¹⁾ Esta obra, ao reunir um amplo conjunto de elementos iconográficos inéditos, fruto de longa investigação efectuada pelo autor em vários países e ao longo de vários anos, tem o interesse de combinar o texto com a imagem, aspecto, aliás, inerente à própria colecção da editora em que a publicação se insere, a colecção «Palavra e Imagem». Este arquivo iconográfico riquíssimo reunido pelo autor inclui gravuras da sua colecção, das colecções do Banco de Portugal e da Royal Collection, do arquivo do Castelo de Windsor, para além de outras colecções públicas e particulares inglesas.

As profusas ilustrações foram escolhidas e posicionadas de forma a exemplificar e dar vida ao conteúdo e preocupações do texto: variam de gravuras a retratos, obras de arte, cenas sociais, paisagens, e iluminam não apenas tudo o que se refere à biografia da Infanta mas também aspectos adicionais da história literária, política e social da época. Passo a passo Manuel Andrade e Sousa traça o itinerário de D. Catarina desde o seu nascimento em 25 de Novembro de 1638, no paço ducal de Vila Viçosa, até ao regresso a Portugal e falecimento no dia 31 de Dezembro de 1705, no paço da Bemposta, em Lisboa, após dois curtos períodos como regente. Referindo a sua infância e juventude em Lisboa depois da aclamação e coroação de D. João IV como rei de Portugal em 1640, o autor dá um especial relevo aos trinta anos de residência de D. Catarina em Inglaterra. Assim, o apontamento das circunstâncias que antecederam e permitiram o seu casamento com Charles II e a aliança entre Portugal e Inglaterra, a recriação do ambiente e da sociedade a que esta teve que se adaptar para viver durante três décadas, e a narração dos principais momentos da sua vida nesse país, são enriquecidos pelas opções feitas na escolha das

⁽¹⁰⁾ Ver, por exemplo, Lillias Campbell Davidson, *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal and Queen-Consort of England*, London, John Murray, 1908 e Janet Mackay, *Catherine of Braganza*, London, John Long Limited, 1937.

⁽¹¹⁾ Ver Ernesto Soares, *D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra (Elementos Iconográficos)*, Lisboa, 1947; Artur Lamas, *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catharina de Bragança Rainha de Inglaterra, existentes na colecção organizada por José Lamas*, Sep. O Archeologo Português, Lisboa, 10 (10-20), 1905. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906; Carlos Ary dos Santos, *Medalhas dedicadas a D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra*, Vila Viçosa, Museu-Biblioteca do Paço Ducal, 1953.

ilustrações, o que permite uma maior proximidade entre o leitor e a época, cronologicamente retratada à medida que se vão sucedendo as diferentes etapas.

O autor, tal como Theresa Castello Branco no artigo já mencionado, dá também especial importância ao elemento humano na narração dos acontecimentos, tentando para isso reconstituir os sentimentos das próprias personagens e sublinhando recorrentemente a adaptação indispensável e imprescindível da Rainha à sua nova vida — «a amarga experiência da adaptação» — cujos maiores entraves foram, segundo o autor, «a sua religião de nascença, aliada a uma educação conventual e severa, e o facto de não ter tido a benção de dar um herdeiro à coroa britânica».

D. Catarina de Bragança foi recebida em Hampton-Court e, pouco tempo depois, em Whitehall em Londres, com grandes manifestações de júbilo, aclamações públicas e festejos, como são testemunho os diários da época e a poesia laudatória e panegírica desse tempo. No entanto, a sua vida como Rainha de Inglaterra não esteve isenta de contrariedades. A necessária e difícil adaptação a uma corte licenciosa e cheia de intrigas, livre de preceitos morais, tão diferente do ambiente que deixara na corte de Lisboa e para a qual não tinha sido devidamente preparada, foi acompanhada de sucessivas humilhações causadas por intrigas da corte inglesa, pela imposição das favoritas do rei como suas damas de companhia. A infelicidade de não conseguir levar nenhuma gravidez até ao fim, ficando a sucessão legítima ao trono personalizada em James, duque de York e irmão do Rei, solução controversa para a maioria dos ingleses, aliada ao facto de ser católica e com fortes convicções religiosas, levaram por diversas ocasiões a tentativas de dissolução do casamento real. A sua piedade e devoção religiosas e a sua simpatia pelos católicos em Inglaterra, foram inelutavelmente confundidas com subversão religiosa, sendo por diversas vezes acusada de ser papista, agente da Santa Sé e de participar nos enredos políticos gerados pela conspiração papista (*Popish Plot*), um dos episódios mais terríveis de perseguição aos católicos em Inglaterra baseada em invenções e falsas declarações. Tal como os seus súbditos teve também que suportar os flagelos como a peste e o fogo de Londres.

São estes alguns dos aspectos apresentados ao longo do livro de Manuel Andrade e Sousa. Para além da evocação e divulgação da vida desta personalidade histórica, a intenção do autor é simultaneamente a de edificar ou, como ele próprio afirma, «reavivar valores nobres», como os do «carácter invulgar» de D. Catarina e que «muito poderão ser inspiradores para aqueles que encontram na vaidade e arrogância um meio de se evidenciarem no exercício da sua actividade pública ou comunitária». Adoptando um tom moralizante, o autor define D. Catarina de Bragança como «uma verdadeira heroína da nossa História», «sobrevivente de uma das cortes mais tumultuosas da Europa do Século XVII» que, apesar de não se evidenciar na vida política do país e de manifestar um certo silêncio e reclusão, foi um exemplo de «coragem e abnegação», de «rara fidelidade para com o seu país de

nascença», e ainda, «uma mulher forte, que em momentos cruciais soube agir com firmeza e destreza, quer como Rainha de Inglaterra e Rainha Viúva, quer como Regente de Portugal». Desta forma, à semelhança das várias acções levadas a cabo pela Associação *Friends of Queen Catherine*, este trabalho surge como mais uma das várias homenagens prestadas pelo autor a esta personalidade.

É de aplaudir, sem dúvida, o lançamento deste livro sobre D. Catarina de Bragança. O autor conseguiu apresentar de uma forma clara e sucinta os enredos mais complexos da vida da Rainha, sendo bem sucedido num trabalho de divulgação, de leitura agradável e acessível ao leitor em geral, enriquecido por um enorme conjunto de elementos iconográficos e por um fundo bibliográfico extenso e interessante para qualquer estudioso ou, simplesmente, apaixonado por esta matéria.